

A metafísica aristotélica na construção de uma práxis meta- sensível e virtuosa

Geraldo Alves Lima ¹

João Tarcísio Pereira Jabur dos Santos²

Resumo

Nesse artigo são discutidos os vários conceitos da metafísica aristotélica, utilizando-a para uma reinterpretação das virtudes teologais - fé, esperança e caridade - numa perspectiva suprassensível e meta-empírica sem, porém, nenhum distanciamento da filosofia, e sim com verdadeira aproximação daquilo que se constituiu como a ciência primeira de Aristóteles. Outrossim, como objetivos primordiais buscou-se renovar o agir humano a partir da metafísica, redefinindo o conceito de virtude, e culminando numa práxis que é motivada e sustentada unicamente por uma inteligibilidade puramente racional. Como metodologia utilizou-se a análise do discurso, compreendendo a linguagem em suas diversas significações, a partir de revisões literárias. Finalmente, conseguiu-se renovar e motivar o agir humano a partir de uma significação suprassensível, redefinido o conceito e a compreensão das virtudes numa perspectiva metafísica, e construindo uma prática social, humana e fraterna, que se sustenta unicamente pela racionalidade.

Palavras-chave: metafísica; práxis suprassensível; virtudes inteligíveis; racionais.

1 Introdução

Em toda a história, o homem foi permeado por profundas indagações à respeito da essência da matéria, da vida da substância suprassensível e do próprio sentido para seu viver. Ademais, o sistema metafísico apresenta valiosas e necessárias contribuições, até os tempos atuais, sendo muito relevante para a compreensão da existência, consciente e individualmente, inserida numa comunidade humana: em um mundo cada vez menos religioso, ético e filantrópico, perde-se o sentido de virtude e a vida torna-se sempre mais individualista e consumista.

Nesse ínterim, esse artigo, visa responder - baseado nas obras de Aristóteles e Reale - aos anseios do homem moderno, construindo um agir que supera a moral, a religião e a ética, alcançando estatura suprassensível e, ainda mais, motivando continuamente a consciência de cada ser para uma transformação virtuosa da realidade. A partir das virtudes - fé, esperança e caridade - desenvolve-se o

¹ Mestre em filosofia, comunicação, educação e administração; Centro de Ensino Superior Mater Dei; Palmas, Tocantins, Brasil; limageraldoalves@1gmail.com.

² Graduando em filosofia; Centro de Ensino Superior Mater Dei; Palmas, Tocantins, Brasil; joaotjabur@gmail.com.

conceito de um agir metafísico e virtuoso, inerente a todos os seres humanos, e independente de qualquer ação divina: sendo universal, racional e sistemática, essa práxis - interpretada à luz da metafísica aristotélica - anseia por responder aos indivíduos de todas as culturas sobre a ação correta e virtuosa.

Por conseguinte, compreendendo a importância da moralidade na vida humana, o artigo teve como objetivo geral, construir um novo conceito do agir humano, à medida que ressalta as virtudes - analisadas de uma perspectiva metafísica - que devem nortear a existência e a prática de todo indivíduo. Como objetivos específicos, buscou-se renovar o agir humano a partir da metafísica, redefinir o conceito de virtude e construir uma práxis que é motivada e sustentada pela inteligibilidade. Como metodologia para a construção desse artigo utilizou-se a análise de discurso, visto que compreende a linguagem enquanto formação ideológica, cuja competência possibilita atualizações nas significações. Nessa perspectiva, a interpretação passa a ser um objeto de reflexão (ORLANDI, 2012), pois assim como o sentido, ela não se fecha, não é evidente – embora pareça ser. O artigo encontra sua relevância no fato de buscar responder às necessidades e dificuldades da humanidade atual, permitindo aos leitores solucionar desde os dilemas cotidianos da vida, até os mais difíceis problemas, a partir de uma perspectiva meta-sensível e virtuosa, atribuindo a si mesmos uma dimensão existencial e profunda, que os interpela a transformar suas realidades.

Ainda mais, fez-se inicialmente um apanhado histórico, visando compreender a origem do pensamento meta-empírico, passando pelos filósofos naturalistas, depois pelos eleáticos, após, Sócrates, seguidamente em Platão e, finalmente, seu ápice em Aristóteles. Por continuidade, na segunda parte do primeiro tópico, busca-se compreender a especificidade e a especialidade do pensamento teórico - no qual destaca-se a metafísica. Outrossim, na segunda parte, são pormenorizados os diferentes significados da metafísica, sendo eles: a aitiologia, a ontologia, a ousiologia e a teologia. Por último, na terceira parte, desenvolveu-se uma verdadeira práxis metafísica a partir das três virtudes: fé, esperança e caridade, que aqui são dissociadas do conceito religioso.

2 A relevância da metafísica como verdadeira ciência teórica

2.1 Gênese histórica da metafísica

O pensamento metafísico representa, na história da filosofia antiga, uma grande novidade. No germen do pensamento filosófico, os pensadores pré-socráticos, ou também chamados, filósofos da physis, preocupavam-se com a formulação de um princípio natural, primeiro e supremo, definido em Anaximandro como Arché. A busca pelo princípio primeiro,

a partir da compreensão do todo, misturava-se com a filosofia, na formação de uma primeira metafísica, ainda permeada por religiosidade e misticismo:

A filosofia nasceu, na antiga Grécia, como atitude crítica na vida concreta do homem. Nasceu como tentativa de formular não podiam deixar de formular a questão da verdade da religião, de sua significação para a vida humana e a questão filosófica sobre Deus. Essas questões foram formuladas no horizonte de pressuposta totalidade. Ora, a pergunta pela realidade em sua totalidade inclui a pergunta pela possibilidade de tal totalidade. Neste contexto da tematização da unidade de todo o real surgiu a questão filosófica de Deus. A filosofia grega pensou a totalidade do real como cosmos. Neste cosmos pensou a presença do divino como fundamento originário (Anaximandro), como ser imutável (Parmênides), como Logos enquanto ordem do mundo (Heráclito), ou ainda como noús enquanto princípio do movimento do mundo (Anaxágoras). A totalidade do real ou do cosmos era pensada a partir da objetividade mundana (ZILLES, 2021, p.8).

Por continuidade, na busca especulativa pelo transcendente, surge nos pitagóricos uma dimensão mais profunda de abstração: compreendendo o número como a causa primeira de toda a realidade, a matemática evolui de sua dimensão meramente prática e culmina em verdadeiros conceitos inteligíveis e científicos - descobre-se uma realidade mais que física nos números. Outrossim, no período eleático, rompe-se com a dimensão naturalista e a problemática da pesquisa filosófica torna-se o SER: evidenciando-se por estar presente em todas as línguas e culturas, esse verbo marca a capacidade intelectual e racional de um povo.

No âmbito da filosofia da *physis*, Parmênides se apresenta como radical inovador e, em certo sentido, como pensador revolucionário. Com efeito, com ele a cosmologia recebe profunda e benéfica sacudida do ponto de vista conceitual e se transforma em ontologia (teoria do ser). Parmênides põe a doutrina do seu poema na boca de uma deusa que o acolhe benignamente (Ele imagina estar sendo levado à presença de uma deusa por uma carruagem puxada por velozes cavalos e em companhia das filhas do sol) [...] Parmênides confia a narrativa do seu pensamento a uma Deusa reveladora, que lhe indica três possíveis vias de busca [...] (REALE, 2017, p.47).

Nesse sentido, dentre os pensadores deste período, destaca-se Parmênides que, a partir de sua experiência pessoal e sobrenatural com a deusa “Musa” (experiência supracitada), desenvolveu três vias para o acesso a verdade: sendo primeira a via do ERRO (via dos sentidos e do mundo mutável); após a via da “DOXA” (via da dúvida, enquanto ser e ao mesmo tempo não ser) e, finalmente, a via do SER (segura, captada à luz da razão e do intelecto). Conseqüentemente, em Parmênides - a partir de seus estudos e caracterizações do ser - já se pode vislumbrar o horizonte metafísico.

Ademais, Sócrates será o marco da história filosófica, pois irá romper - definitivamente - com os princípios naturalistas e instigará os homens a se preocuparem com os interesses de suas almas, pela aquisição da sabedoria e da virtude (MONDIN, 1981). Além disso, o centro da pesquisa socrática irá definir-se no homem, e especialmente naquilo que constitui sua

essência: a alma. Alma, porém, como a razão, a sede da atividade pensadora e operadora, o eu consciente, a consciência e a personalidade intelectual e moral (REALE, 2017).

Não se pode compreender Aristóteles a não ser procurando estabelecer qual é sua posição em relação a Platão. Se formos ao núcleo estritamente teórico, detectam-se algumas notáveis concordâncias de fundo, muitas vezes mal entendidas nas épocas sucessivas, mais interessadas em contrapor os de filósofos, fazendo deles símbolos opostos. Mas já Diógenes Laércio, no século III d.C., escrevia: "Aristóteles foi o mais genuíno dos discípulos de Platão" Juízo exato, se se entendem os termos no seu justo sentido: "genuíno discípulo" de um grande mestre não é certamente aquele que o repete literalmente, mas quem, partindo das suas teorias, procura superá-las, indo além, embora conservando-lhe intacto o espírito (REALE, 2017, p.194).

Nesse contexto, a alma humana subsistiria da prática das virtudes (denominadas “areté”) em detrimento do bem-estar do corpo físico. Outrossim, Platão – como discípulo de Sócrates – irá nutrir-se das fontes socráticas que, posteriormente, Aristóteles embasará suas pesquisas. Sendo assim, nasce em Platão a concepção metafísica de que o mundo sensível é movido e significado no mundo inteligível: todas as realidades físicas são cópias imperfeitas de um mundo das idéias ou mundo suprassensível, que é perfeito.

[...] É dualista (em certos diálogos, em sentido total e radical) a concepção platônica das relações entre alma e corpo. Com efeito, além de introduzir à componente metafísica, introduz-se a componente religiosa do orfismo, que transforma a distinção entre alma (suprassensível) e corpo (sensível) numa oposição. Por esse motivo, o corpo é entendido não tanto como o receptáculo da alma, que a ela deve a vida e suas capacidades (e, portanto, como instrumento a serviço da alma como o entendia Sócrates), quanto como "túmulo" e "cárcere" da alma, ou seja, como lugar de expiação da alma [...] Até que tenhamos um corpo, diz Platão, estamos "mortos", porque somos fundamentalmente a nossa alma, e a alma, enquanto está num corpo, encontra-se como num túmulo, e portanto mortificada; o nosso morrer (com o corpo) é viver, porque, morrendo o corpo, a alma é libertada do cárcere. O corpo é raiz de todos os males, é fonte de amores insanos, paixões, inimizades, discórdias, ignorância e loucura: e é justamente tudo isso que mortifica a alma. Essa concepção negativa do corpo se atenua um pouco nas últimas obras de Platão, porém jamais desaparece totalmente (REALE, 2017, p.154)

Portanto, foi na escola de Platão, que Aristóteles amadureceu e consolidou a própria vocação filosófica de forma definitiva (REALE, 2017). Nessa escola, ele irá influenciar-se pelas primeiras concepções acerca da metafísica platônica que - segundo demonstrado - perpassam (implícita ou explicitamente) todos os sistemas filosóficos desde a compreensão da racionalidade. Entretanto, o estagirita abandonará a dualidade do platonismo, concebendo uma metafísica a partir da realidade material, e buscando estabelecer as causas e princípios primeiros da natureza, em outras palavras, ele elaborará o fundamento de uma teologia que pensa a transcendência e o primeiro motor imóvel.

A ironia e a maiêutica socráticas, fundindo-se com uma força poética de exceção, deram origem, em Platão (pelo menos nos escritos, mesmo se não nas aulas), a um discurso sempre aberto, a um filosofar que se caracteriza como uma busca incessante. O oposto espírito científico de Aristóteles devia necessariamente levar a uma sistematização orgânica das várias aquisições, a uma distinção dos temas e dos problemas segundo a sua natureza, e também a uma diferenciação dos métodos com os quais se enfrentam e solucionam os diversos tipos de problemas. E assim, à espiral platônica mobilíssima que tendia a envolver e a unir juntos sempre todos os problemas, devia suceder uma sistematização estável e uma vez por todas fixada dos quadros da problemática do saber filosófico (e serão justamente os quadros que marcarão as vias mestras sobre as quais correrá toda a sucessiva problemática do saber filosófico: metafísica, física, psicologia, ética, política, estética, lógica) (REALE, 2017, p. 195).

Assim sendo, Aristóteles procedeu a uma reorganização do discurso filosófico, procurando conservar e renovar aquelas influências advindas verdadeiramente da razão, em detrimento das influências religiosas que sofreram Sócrates e Platão (REALE, 2017). Finalmente, entendendo a construção do sistema metafísico, consegue-se inferir o seu significado geral como ciência primeira, por ter como objeto o objeto de todas as outras ciências, e como princípio um princípio que condiciona a validade de todos os outros (ABBAGNANO, 2000). Portanto, a ciência das realidades inteligíveis permeia tudo aquilo que se considera como ser, preocupa-se com o ser enquanto ser, buscando entender a finalidade, a origem, a manifestação e o dever dessa realidade essencial a todas e a qualquer existência.

2.2 A divisão das ciências e o destaque da chamada teórica

Ainda, em Aristóteles, a divisão das ciências destaca-se como tema relevante para a plena compreensão do saber metafísico. Outrossim, como primeira dimensão do conhecimento científico, encontra-se a ciência prática, entendida enquanto ação moral do homem ou agir que, saindo do sujeito, a ele retorna, aperfeiçoando-o. São práticas a ética, enquanto expressão do comportamento moral do indivíduo, que regula e limita sua própria liberdade; e a política, na medida que, advinda do homem, põe-se à serviço da própria organização da sociedade humana.

Portanto, a arte, como dissemos, é uma disposição que tem a ver com o criar segundo um genuíno processo racional, ao passo que a fala de arte, seu oposto, é uma disposição relativa ao criar que envolve um falso processo racional. As duas têm a ver com aquilo que comporta a possibilidade de ser diferente (o mutável) (ARISTÓTELES, 2023, 225).

Ademais, a ciência poética é aquela que também se origina do agir e da capacidade humanos, mas dirige-se à produção de elementos ou ações exteriores ao próprio sujeito: é criativa, produtiva e inovadora. Exemplifica-se nas ações artísticas, que visam a beleza e a ordem; também no agir médico, que anseia e se esforça pela cura de seu paciente. Por fim:

Bem diferente das ciências prático-poéticas são as ciências teóricas; estas não se referem nem à ação nem à produção, mas têm como fim a pura especulação, ou seja, o puro conhecimento como tal [...] Recordemos que a física aristotélica qualitativa, nada tem em comum com a física moderna, quantitativa (REALE, 2014, p.49).

Neste sentido, a dimensão teórica destaca-se pela busca ao conhecimento por verdadeiro amor e interesse; aqui não se trata de conhecer visando um fim prático, entretanto, ironicamente, o conhecimento é descrito até como desnecessário: reina a capacidade empírica e suprassensível. Com efeito, exemplifica-se a teoridicidade na matemática, a medida que trabalha com a abstração de cálculos, conceitos e entes numéricos; na física, enquanto almeja compreender a essência e a forma das coisas em movimento no mundo sensível, quase transformando-se numa verdadeira ontologia; e, principalmente, na metafísica, visto que - como grau supremo de abstração - investiga a substância que está além da física, portanto, Deus, a inteligência motora, com suas respectivas causas primeiras.

A metafísica é a mais elevada ciência, ele afirma, exatamente porque não está amarrada a necessidades materiais. A metafísica não é ciência destinada a objetivos práticos ou empíricos. As ciências que têm esses objetivos são a eles submetidas não valem por si só, mas somente à medida que levam à realização desses objetivos; em vez disso, a metafísica é ciência que vale em si e per si, pois tem em si mesma o seu objetivo, e nesse sentido é ciência “livre” por excelência. Dizer isso é afirmar que a metafísica responde não às necessidades materiais, mas espirituais, ou seja, responde àquela necessidade que nasce quando se satisfizeram as necessidades físicas: a pura necessidade de saber e conhecer o verdadeiro, a radical necessidade de responder aos “porquês” e, especialmente, ao “porquê último” (REALE, 2017, p. 197).

Certamente, a metafísica destaca-se entre todos os outros modelos de ciência, pois busca entender a substância suprassensível que permeia, sustenta e dirige todas as realidades, de modo que, se os homens filosofaram para libertar-se da ignorância, é evidente que buscavam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática (REALE, 2014, p.11).

3 As definições e vertentes da metafísica

3.1 Vertente aitiológica – doutrina das quatro causas

Aristóteles, em seus estudos, define o sistema metafísico em quatro componentes diferentes, mas intrinsecamente unidos, sendo eles: a aitiologia, a ontologia, a ousiologia e a

teologia. Sendo assim, a compreensão particular dessas definições permitirá pleno entendimento daquilo que é - essencialmente - o conhecimento suprassensível.

Ainda mais, compreendendo a metafísica como ciência primeira, entende-se a aitiologia como vertente que dividirá e explorará essas mesmas causas de origem primeira, visando entender as coisas sensíveis em suas formas, em suas matérias, em seus movimentos e em suas finalidades últimas.

Com efeito, é evidente que, se considerarmos certo homem estaticamente, ele acaba reduzido à sua matéria (carne e ossos) e à sua forma (alma): mas se o considerarmos dinamicamente e nos perguntarmos "por qual motivo nasceu?", "quem o gerou?", "por que se desenvolve e cresce?", então são indispensáveis duas razões ou causas posteriores: a causa eficiente ou motriz, isto é, o pai que o gerou, e a causa final, ou seja, o fim ou o objetivo para o qual tende o vir a ser do homem (REALE, 2017, p.197).

Nesse contexto, o estagirita estabelecerá quatro causas que irão nortear o estudo aitiológico:

- Causa formal: entendida enquanto a essência e a substância das coisas, que apesar do devir, são possíveis de conhecer à luz dessa mesma forma comum a todas;
- Causa material: entendida enquanto a composição, a estrutura e a matéria da qual é feita uma coisa; aqui não há confusão com a física, pois todo estudo do mundo material é dirigido à sua causa última;
- Causa eficiente: entendida enquanto geradora do movimento e da mudança. Compreende as realidades físicas que atuam nessa constante dicotomia do Ser e do vir-a-ser;
- Causa final: entendida necessariamente como causa última; é a finalidade, o destino e o caminho das coisas físicas. Além disso, é o motivo do ser de cada realidade: é realidade última e primeira, enquanto condiciona o existir das realidades materiais à sua função suprassensível;

Portanto, as causas formal, material e eficiente compõem-se e se significam mutuamente, a partir dessa finalidade comum: todo o estudo metafísico versa a dimensão teológica e tem nela o seu conceito mais profundo.

3.2 Vertente ontológica – doutrina aristotélica do ser

Por continuidade, na dimensão ontológica há verdadeira renovação: abandonando os princípios da univocidade e imobilidade do Ser³ (de origem eleata, parmenidiana), e o transcendentalismo e universalismo⁴ (dos platônicos), Aristóteles definirá a ontologia como ciência do "ser enquanto ser". Nessa perspectiva, o Ser será entendido em suas múltiplas espécies, gêneros, manifestações e significados. Nas palavras do próprio pensador:

É evidente, portanto, que a uma mesma ciência pertence o estudo do ser e das propriedades que a ele se referem, e que a mesma ciência deve estudar não só as substâncias, mas também suas propriedades, os contrários de que se falou, e também o anterior e o posterior, o gênero e a espécie, o todo e a parte e as outras noções desse tipo. (REALE, 2014, p. 141).

Ademais, a ontologia aristotélica revela-se como verdadeira ousiologia, na medida que busca entender a substância do Ser e, conseqüentemente, dos Seres que dele derivam. Outrossim, o filósofo estrutura quatro definições do Ser: a primeira identifica o ser como acidente, entendido enquanto fato acidental, fortuito, causal, secundário e exterior referindo-se, portanto, a tudo que pode - ou não - ser alguma coisa (REALE, 2014); já a segunda entende o "ser por si", enquanto oposto ao acidente, identificando-se com a essência e a substância, constituindo-se como pilar secundário para o Ser; o terceiro significado entende o ser como verdadeiro, enquanto ser do juízo verdadeiro e lógico, oponente do não ser (REALE, 2014); e, a última, concebe o ser como potência e ato: potência enquanto capacidade de ser, de vir-a-ser e tornar-se e ato entendido como realização da potência.

Somente Aristóteles introduz a grande reforma que comporta a total superação da ontologia eleática: o ser não tem somente um, mas múltiplos significados. Tudo aquilo que não é puro nada pertence com boa razão à esfera do ser, seja ele realidade sensível ou inteligível. Todavia, a multiplicidade e variedade de significado do ser não comportam uma pura "homonímia", pois cada um e todos os significados do ser implicam "comum referência a uma unidade", ou seja, uma estrutural "referência à substância". Portanto, o ser ou é substância ou é afecção da substância ou atividade da substância - em todos os casos, algo-que-se-refere-à-substância (REALE, 2021, p.198).

³ Para os Eleatas - escola filosófica criada por Parmênides - o Ser caracteriza-se como uno, ingênito, infinito, imóvel, imutável e esferiforme.

⁴ Para os Platônicos - escola filosófica fundada por Platão - o Ser identificava-se com o Sumo-bem, transcendente, inteligível, absoluto e superior a substância.

Portanto, entende-se as diversas manifestações do ser em relação a uma mesma substância comum, tendo em vista a sua primeira dimensão, mais essencial e primeira: a metafísica aristotélica culmina, em sua totalidade, nessa busca pelo incontigente, pelo ingênito e pelo autônomo.

3.3 Vertente ousiológica – doutrina das múltiplas substâncias

Compreender a ousiologia significa perscrutar as diferentes substâncias, em suas composições e conceitos. Ademais, todo o estudo aristotélico permeia-se pelo constante questionamento dessas ideias - em seus diferentes nomes: matéria, forma e sínolo - buscando responder: Qual a composição das realidades meta-empíricas? Quais substâncias realmente existem? Matéria, forma e sínolo são iguais?

Nesse ínterim, define-se inicialmente a substância como predicado do qual derivam todas as outras predicções. Ainda mais, o Estagirita concebe características comuns e inegociáveis a toda substância, sendo elas: a existência dela em si mesma; a não dependência de outras realidades - a autonomia; a inseparável unidade em si mesma, não podendo haver multiplicidade; a sua capacidade de ser definida, visto que é um ente concreto; e a sua capacidade de formar, gerar e interferir - sendo puro ato. Sem essas características uma essência não se pode chamar substância.

Por continuidade, Aristóteles, para explicar melhor esse conceito, estabelece três outras definições relevantes:

- A matéria não pode identificar-se com a substância, já que não atende a todas as características: é indeterminada e não pode subsistir separadamente;
- O sínolo: enquanto verdadeiro sínolo (união) de matéria e forma, exprime parcialmente a totalidade da substância, pois transita entre o mundo material e essencial, sofrendo determinação dos acidentes;
- Finalmente, a forma, expressa perfeitamente a realidade da substância, por que são categorias semelhantes e por excelência, congruentes, visto que apresentam os mesmos atributos;

Para concluir diremos que, desse modo, o sentido do ser é plenamente determinado. O ser, no seu significado mais forte, é a substância; e a substância, num sentido (impróprio), é matéria, num segundo sentido (mais próprio), é sínolo, e num terceiro sentido (e por excelência), é forma: ser é, portanto, a matéria; ser, em grau mais elevado, é o sínolo; e ser é, no sentido mais forte, a forma. Desse modo, compreende-se por que Aristóteles tenha até

chamado a forma de "causa primeira do ser" (justamente enquanto ela resulta "informar" a matéria e fundar o sínolo) (REALE, 2017, p.201)

Portanto, a metafísica revela-se como valiosíssimo estudo da constituição primeira de todas as realidades, mas também, relevante estudo da forma, que adquire primado sobre todos os outros conceitos, pois expressa corretamente aquilo que se entende por "ousia", ou seja, substância.

3.4 Vertente teológica – existência e natureza da substância suprassensível

Ao compreender todos os conceitos do sistema metafísico, torna-se possível adentrar em sua dimensão mais relevante e profunda, que é a teológica. Por continuidade, sendo esse o termo utilizado por Aristóteles em seus escritos, há nele verdadeira síntese de todo seu pensamento. Em continuidade ao pensamento ousiológico, o filósofo indaga a substância suprassensível entendendo-a como puro ato, ou seja, pura ação e puro agir, que agindo move, sustenta e atrai a si toda a realidade:

Mas o ato é anterior à potência segundo a substância também noutra sentido. De fato, os seres eternos são anteriores aos corruptíveis quanto à substância, e nada do que é em potência é eterno. De fato, o que não tem potência de ser não pode existir em parte alguma, enquanto tudo o que tem potência pode existir em ato (REALE, 2014, p. 423).

Ainda mais, a realidade física enquanto sujeita ao devir, apresenta-se sempre como potência, contínua mudança e constante vir-a-ser. Há, pois, nessa sempiterna lei da mudança o primeiro movente - soma das causas eficiente e final - o qual, sem mover-se, é a causa do eterno movimento do universo. Todas as realidades existentes atraem-se eternamente por esse Deus, que desde sempre É. Em seguida, o estagirita atribui características a essa divindade:

Deus, portanto, é eterno, imóvel, ato puro privado de potencialidade e de matéria, vida espiritual, pensamento de pensamento. Sendo assim, obviamente, não pode ter nenhuma grandeza, mas deve ser sem partes e indivisível. E deve também ser impassível e inalterável (REALE, 2014, p.117).

Nesse contexto, muda-se também a percepção da relação de Deus com o mundo: ele não o conhece, não o criou e nem criou seus habitantes. Como sumo-bem, este pode contemplar-se somente a si mesmo, e as realidades mais perfeitas, portanto conhece somente aquilo que é mais supremo e superior: Deus só pode pensar, contemplar e conhecer a si mesmo. Portanto, a

construção desse Deus - por parte de aristóteles - representa grande avanço no conhecimento metafísico, mas ainda não levado à plenitude: essa entidade transcendente ainda é concebida repleta de limitações.

4 O conceito de práxis metafísica, e a sua inerência ao agir humano

O agir cristão é sempre moralmente condicionado pelas virtudes - enquanto capacidade moral do homem de dominar a si mesmo (ABBAGNANO, 2000) - que carregam em si significados positivos e, qualitativamente, bons. Ainda mais, compreende-se esse agir como o conjunto de práticas, falas, pensamentos e ideais que são inerentes ao ser do homem, mas que são constantemente analisados e perscrutados, à luz daquilo que se considera como certo ou errado. Por continuidade, a tradição cristã - ao longo de sua história - identificou três virtudes principais e essências a todos os que professam o credo católico: a fé, a esperança e a caridade.

Entendidas como virtudes teológicas, essas são consideradas como verdadeiro dom de Deus, inatingíveis por pura força humana. Mas, como conceitos humanos, devem ser compreendidas primeiro humanamente e, além disso, devem ser dados e conquistados por toda humanidade - crente ou não. Entretanto, como compreender esses conceitos metafísicos? Como colocá-los em prática, a partir de uma humanidade e uma consciência? Como dissociar esses conceitos de uma humanidade idealista, para uma humanidade verdadeiramente mais humana? Nesse contexto, a metafísica revela-se como imprescindível para um agir humanamente virtuoso e - destacando-se novamente essas três virtudes - pode-se compreender o agir do homem a partir da dimensão metafísico-filosófica e aristotélica.

4.1 A virtude metafísica da fé

Por continuidade, na busca por compreender - metafisicamente - essas realidades, Nicola Abbagnano apresenta, em seu dicionário filosófico, um bom conceito de Fé, como:

Crença religiosa, e como confiança na palavra revelada. Enquanto a crença, em geral, é o compromisso com uma noção qualquer, a Fé é o compromisso com uma noção que se considera revelada ou testemunhada pela divindade [...] o caráter compromissivo da fé consiste em seus laços com a existência: ter fé significa existir de certo modo: para ter fé é preciso que haja uma situação que deve ser produzida com um passo existencial do indivíduo. (Abbagnano, 2000, p.431).

Consequentemente, crer é decifrar, na matéria, a fisionomia do divino que se manifesta na perfeição, no devir e na constante mudança da realidade, fazendo o homem questionar-se sobre a vida e o mundo. Ainda mais, essa prática de fé é inerente ao homem por si só e não é buscada por vantagens, mas desejada em si mesma, visto que estabelece possibilidade de relação com a própria essência da existência humana, que são as realidades meta-empíricas. Claramente, esse conjunto de crenças tem perspectiva moral, mas deve ser principalmente força inteligível: a relação do homem com o suprassensível, independe, essencialmente, de qualquer matéria, porém, apoia-se na busca racional pela causa primeira. Nas palavras de Urbano Zilles⁵:

O método da filosofia clássica consiste em perseguir a verdade do mundo, a lei do universo, as leis e normas dos entes, libertando o homem de tudo que o possa enganar. O homem participa essencialmente nessa ordem do mundo. A razão humana é semelhante à realidade racional, pois a razão subjetiva e a objetiva formam uma unidade. Basta que o homem encontre o caminho que o conduza à visão da essência do mundo, que é também sua própria essência. Sua tarefa consiste, pois, em tornar-se essencialmente racional (Zilles, 2021, p.51).

Da mesma maneira, o homem de fé alimenta a sua crença numa constante busca por enxergar na realidade, na filosofia, na vida, no existir e no ser, as primícias desse bem eterno, racional e supremo. Em outras palavras, o agir metafísico - analisado a partir da dimensão da fé - deve permear toda a humanidade na busca por atingir a pura razão, que tem por maior expressão a substância suprassensível:

[...] Sempre a escolhemos por ela mesma e jamais como um meio para algo mais, enquanto a honra, o prazer, a inteligência e todas as virtudes, embora as escolhamos por elas mesmas (visto que deveríamos estar contentes por possuímos cada uma delas, ainda que nada delas decorresse), também as escolhemos em vista da felicidade na crença de que contribuirão para sermos felizes. Mas ninguém opta pela felicidade em função daquelas coisas, nem tampouco como algo que contribua para a aquisição de qualquer outra coisa que seja, salvo ela mesma (Aristóteles, 2023, p.57).

Por isso, a fé aqui compreendida não é buscada somente visando alcançar uma divindade, porém tem finalidade em si mesma: a prática do crer associa-se à crença direta na inteligibilidade racional, presente em todos os indivíduos. Finalmente, a práxis da fé consiste em acreditar nesta racionalidade, e na sua capacidade de guiar e transformar a história. O homem e a mulher, entregues à vida de fé, devem encarnar em - si próprios - a certeza dessa

⁵ Urbano Zilles, nascido em 1937, em Nova Petrópolis-RS, doutorou-se em teologia em 1961 pela universidade de Munster, Alemanha. Professor de Teologia e Filosofia na PUC-RS desde 1969, foi pró-reitor de pesquisa e Pós-graduação de 1988 a 2004. É membro da Academia Brasileira de Filosofia.

imanência da atividade-operante e racional, na confiança de que ela é a medida perfeita para as realidades transitórias.

4.2 A virtude metafísica da esperança

Em continuidade, a dimensão da esperança surge como outra virtude essencial à humanidade, que visa ao saber metafísico. Fazendo-se necessária em todas as épocas e períodos, a capacidade de esperar é profundamente humana: o homem planeja, organiza, sistematiza, resume... todas essas práticas demandam tempo, e exigem paciência. Nesse sentido pode-se defini-la como:

A perspectiva de aquisição de um bem com probabilidade de alcançá-lo ou como um prazer experimentado diante da idéia de um provável futuro gozo de algo que pode produzir deleite [...] é fundamentalmente espera e uma expectativa (Ferrater, 1994, p.883).

Ademais, esse ato de constante expectativa identifica-se e corresponde ao primeiro ato de movimento, originador de todas as realidades: a esperança metafísica é constante associação do homem a esse devir de todas as realidades materiais, na busca da racionalidade e da inteligência. Nesse sentido, aquele que se diz esperançoso não espera, mas sai; não se prende, porém, sabe-se livre; e muito menos limita-se, porque se sabe infinito.

Aristóteles não procura a essência da realidade num mundo superior e ideal, mas nas coisas concretas. Volta-se ao mundo real e cotidiano para esclarecer teoricamente como funciona. Desenvolve o primeiro modelo causal-lógico elaborado da realidade. Aristóteles também investiga a forma de captar a realidade. É possível conhecer, a partir da percepção sensível, abstraindo seu conteúdo conceitual. Deve descobrir-se a essência nas coisas mutáveis, na sua origem, nas mudanças e no seu desaparecimento. A essência é inseparável da coisa, da qual é princípio conceitual e constitui sua realidade (Zilles, 2021, p. 55).

Por isso, esperar-se é identificar-se com a ideia perfeita e eterna que é o próprio Deus e, visto que, a Divindade é puro ato, o homem é chamado à ação e a transformação da realidade, conformando-se com a eterna mudança, e fazendo dela seu próprio estilo de vida. Finalmente, a virtude da esperança reconhece no tempo o seu lugar de práxis e na história o lugar de sua manifestação, construindo diariamente a utópica - mas humana e necessária - busca suprassensível e racional.

4.3 A virtude metafísica da caridade

Por consequência, o amor é um dos principais, se não o principal sentimento que perpassa a humanidade: todos são capazes de amar e carregam em si o desejo de serem amados. Nesse contexto, há ainda inúmeras obras, autores e pessoas que refletem sobre essa realidade tão sublime e tão misteriosa. Pode-se perguntar o que é o amor e, ainda mais, o que é caridade? “Na concepção grega, o amor é aspiração do menos perfeito ao mais perfeito. Ela supõe, portanto, a imperfeição do amante e a perfeição do amado [...] O amado move o amante exercendo sobre ele uma atração. O "movimento real" parte do amante, mas o "movimento final" parte do amado (FERRATER, 2000, p.400).

Ainda mais, o amor metafísico transcende a compreensão humana, pois existindo em si mesmo, visa à mover o próximo: aqui o amor é capacidade de dar e, principalmente, doar-se a si próprio na certeza - racionalmente construída - de que se deve buscar e ajudar o outro em busca de seu melhor ser. Outrossim, a caridade metafísica identifica-se com a causa formal, à medida que - compreendendo e desvendando o formato das realidades materiais - permite descobrir a sua plena forma e essência.

A essência, segundo Aristóteles, é aquilo que algo é no seu estado final, completo; é o princípio interno de algo que o faz ser aquilo que é a todo e qualquer momento do seu desenvolvimento teleológico, e o torna aquilo que finalmente vem a ser pelo processo da mudança da potência para o ato [...] O conhecimento, como um desejo natural, mostra segundo Aristóteles, que o homem necessita de algo para se completar e, por outro, a importância dos sentidos na formação do saber e os diversos graus do conhecimento (Zilles, 2021, p. 55).

Nesse sentido, a sensibilidade caritativa é aquela que favorece o outro na busca pela compreensão, não somente de sua própria existência suprassensível, mas principalmente de sua essência especial e única: somente o homem metafisicamente caridoso possui a inteligência adequada para - desvendando e interpretando a aparência do indivíduo - revelá-lo a si próprio e ao mundo. "A bondade 'pessoal' é a própria práxis pela qual se luta até dar a vida pela realização do Outro" (DUSSEL, 1986, p. 54). Revelar o outro é desvelá-lo, fazendo da alteridade a opção fundamental da vida e encontrando, nas relações, o valioso complemento do ser individual na caminhada rumo ao conhecimento.

5 Considerações finais

Portanto, o homem tem a oportunidade de encontrar sentido para sua vida, enquanto a significa nessa constante busca pelas virtudes metafísicas: seja ateu, sem religião ou não-cristão,

o ser humano moderno pode e vê-se incumbido à constante prática do ato de crer, de esperar e de amar. Ainda mais, conseguiu-se renovar e motivar o agir humano a partir de uma vivência suprassensível, redefinido o conceito e a compreensão das virtudes numa perspectiva metafísica, e construindo uma prática social, humana, fraterna, solidária e holística que se sustenta unicamente pela racionalidade. O trabalho mostrou-se relevante, pois, no hodierno mundo niilista perdido em sua finitude, dá-se um escopo especial e específico a cada indivíduo, que por meio de sua práxis metafísica consegue relacionar-se com toda a realidade. Aurindo da fonte mais segura e autêntica do pensamento filosófico, Aristóteles, desenvolveu-se uma ontologia existencial, no sentido de encarnar-se em cada existência que almeja transcendência e autorrealização. Finalmente, somente vivendo essas virtudes como a são verdadeiramente - ou seja, metafísicas - o indivíduo pode alcançar sua plena estatura de ser pensante, racional, crítico, filantrópico e suprassensível.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. SP: Martins Fontes, 2000.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. SP: Edipro, 2023.
- DUSSEL, Enrique. *Método para uma filosofia da libertação*. SP: Loyola, 1986.
- FERRTER, José. *Dicionário de filosofia*. SP: Loyola, 2001.
- MONDIN, Batista. *Introdução à filosofia*. SP: Paulus, 1981.
- ORLANDI, E.P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. SP: Pontes Editores, 2012.
- REALE, Giovanni e DÁRIO, Antiseri. *Filosofia Antiga e Idade Média – Vol. 1*. SP: Paulus, 2017.
- REALE, Giovanni. *Metafísica de Aristóteles - Vol. 1, 2 e 3*. SP: Loyola, 2014.
- ZILLES, Urbano. *Teoria do conhecimento e teoria da ciência*. SP: Paulus, 2005.
- ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. SP: Paulus, 2021.

La metafísica aristotélica en la construcción de una praxis meta-sensible y virtuosa

Resumen

En este artículo se discuten los diversos conceptos de la metafísica aristotélica, utilizándolos para una reinterpretación de las virtudes teologales -fe, esperanza y caridad- en una perspectiva suprasensible y metaempírica, sin distancia alguna de la filosofía, pero con una verdadera aproximación de lo que se constituyó como la primera ciencia de Aristóteles. Además, como objetivos primordiales buscamos renovar la acción humana desde la metafísica, redefiniendo el concepto de virtud, y culminando en una praxis motivada y sustentada únicamente por una inteligibilidad puramente racional. Se utilizó como metodología el análisis del discurso, comprendiendo el lenguaje en sus diversas acepciones, a partir de reseñas literarias. Finalmente, fue posible

renovar y motivar la acción humana desde un sentido suprasensible, redefiniendo el concepto y comprensión de las virtudes desde una perspectiva metafísica, y construyendo una práctica social, humana y fraterna, que se sustenta únicamente en la racionalidad.

Palabras clave: metafísica; praxis supersensible; virtudes inteligibles; racionales.

La métaphysique aristotélicienne dans la construction d'une praxis méta-sensible et vertueuse

Résumé

Dans cet article, sont abordés les différents concepts de la métaphysique aristotélicienne, en les utilisant pour une réinterprétation des vertus théologiques - foi, espérance et charité - dans une perspective suprasensible et méta-empirique, sans toutefois s'éloigner de la philosophie, mais avec une véritable perspective. approximation de ce qui fut constitué comme la première science d'Aristote. De plus, comme objectif premier, nous avons cherché à renouveler l'action humaine basée sur la métaphysique, en redéfinissant le concept de vertu et en culminant dans une praxis motivée et soutenue uniquement par une intelligibilité purement rationnelle. L'analyse du discours a été utilisée comme méthodologie, comprenant le langage dans ses différentes significations, sur la base de critiques littéraires. Enfin, il a été possible de renouveler et de motiver l'action humaine à partir d'un sens suprasensible, en redéfinissant le concept et la compréhension des vertus dans une perspective métaphysique et en construisant une pratique sociale, humaine et fraternelle, soutenue uniquement par la rationalité.

Mots-clés : métaphysique ; pratique hypersensible; vertus intelligibles ; rationnelles.

Aristotelian metaphysics in the construction of a meta-sensitive and virtuous praxis

Abstract

In this article, the various concepts of Aristotelian metaphysics are discussed, using it for a reinterpretation of the theological virtues - faith, hope and charity - in a supersensible and meta-empirical perspective without, however, any distance from philosophy, but with a true approximation of what was constituted as Aristotle's first science. Furthermore, as primary objectives, we sought to renew human action based on metaphysics, redefining the concept of virtue, and culminating in a praxis that is motivated and sustained solely by a purely rational intelligibility. Discourse analysis was used as a methodology, understanding language in its various meanings, based on literary reviews. Finally, it was possible to renew and motivate human action from a supersensible meaning, redefining the concept and understanding of virtues from a metaphysical perspective, and building a social, human and fraternal practice, which is sustained solely by rationality.

Keywords: metaphysics; supersensitive praxis; intelligible; rational virt